

GIRAS FABULOSAS

podcasts com acessibilidade na universidade

GIRAS FABULOSAS
accessible podcasts at the university

Giovanna Marafon¹

Letícia Oliveira Tomé²

Nathália Maria de Souza Borba³

RESUMO

Este texto é um relato de experiência do projeto de extensão universitária Giras Fabulosas, desenvolvido desde 2022 em um campus de uma faculdade de educação pública, localizada na Baixada Fluminense. Desde a sua concepção, o projeto visa a produzir mídias sonoras inclusivas, por meio de podcasts gravados na rádio universitária e difundidos por plataformas *on-line* de *streaming*, com um ativismo em prol da visibilidade e do reconhecimento da deficiência. São produzidas narrativas sonoras, com protagonismo discente, direcionadas a partilhar pesquisas elaboradas na graduação e na pós-graduação de forma acessível e para um público diverso, da universidade e/ou da comunidade externa. Perseguimos a interrogação: é possível criar mídias sonoras com acessibilidade? A partir disso, levamos o estudo de podcasts e acessibilidade do projeto de extensão a uma disciplina obrigatória da graduação em pedagogia, integrando extensão e ensino. Ouvimos e estudamos podcasts produzidos por pessoas com deficiência no Brasil e incorporamos o pensar/fazer na extensão com recursos de acessibilidade, tais como: descrever as participantes, descrever as imagens feitas para divulgação nas redes sociais do projeto e transcrever na íntegra os episódios. Esses movimentos contribuíram para a formação docente inicial com novas tecnologias, como as mídias sonoras, desenvolvendo-as como tecnologias sociais, com planejamento, práticas de estudo, escrita e comunicação, engajamento político, valorização da deficiência e da acessibilidade na universidade.

Palavras-chave: Podcasts; Acessibilidade; Tecnologias sociais; Extensão universitária.

1 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - Niterói, RJ, Brasil.

Pós-doutorado com bolsa Capes PrInt UERJ (2023-2024), no Programa de Gênero e Sexualidades, da University of San Francisco - São Francisco, Califórnia, Estados Unidos.
E-mail: giovannamarafon@ppfh.com.br

2 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Duque

de Caxias, RJ, Brasil. Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), da UERJ. Voluntária no projeto Giras Fabulosas.

3 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Duque de Caxias, RJ, Brasil. Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), da UERJ. Bolsista no projeto Giras Fabulosas.

ABSTRACT

This text is an experience report of the Giras Fabulosas university extension project, developed since 2022 on a campus of a public faculty of education, located on Baixada Fluminense. Since its inception, the project has aimed to produce inclusive sound media, through podcasts recorded on university radio and broadcast via online streaming platforms, with activism in favor of the visibility and recognition of disability. Sound narratives are produced, with student leadership, aimed at sharing research carried out in undergraduate and postgraduate studies in an accessible way and for a diverse audience, university and/or the external community. We pursue the question: is it possible to create sound media with accessibility? From this, we took the study of podcasts and accessibility to a course in the Pedagogy degree, integrating extension and teaching. We listened to and studied podcasts produced by people with disabilities in Brazil and incorporated thinking/doing in the extension with accessibility resources, such as: describing the participants, describing the images made for dissemination on social media of the extension project and transcribing the whole episodes. These movements contributed to initial teacher training with new technologies, such as sound medias, developing them as social technologies, with planning, study practices, writing and communication, political engagement, appreciation of disability and accessibility at the university.

Keywords: Podcasts; Accessibility; Social technologies; University extension.

INTRODUÇÃO

Esta escrita tem como referência as experiências do projeto de extensão Giras Fabulosas, desenvolvido desde 2022, no campus da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que oferece quatro cursos de licenciatura: pedagogia, geografia, história e matemática. A unidade, localizada na periferia, tem uma rádio universitária e experimental, oferecendo os recursos de produção radiofônica e estúdio de gravação, com instrumentos adequados, como microfones e mesa de som, além de um técnico de som concursado que oferece o suporte e edita as gravações

em diálogo com o projeto de extensão. Essas características de viabilidade de produção e a possibilidade de amplitude na difusão, como destacaram Arruda, Sodré e Cardoso Filho (2021), também foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto em tela.

Desde a concepção, o projeto se propõe a produzir mídias sonoras inclusivas, voltadas para o público interno da universidade e/ou da comunidade externa. A equipe do projeto conta com a professora coordenadora, as estudantes bolsistas e as voluntárias⁴, que aprendem a gravar na rádio. A equipe faz a

⁴ Em três anos de atuação do projeto de extensão Giras Fabulosas, as estudantes bolsistas da graduação e voluntárias são todas mulheres, assim como a docente. Em razão disso e, principalmente, de uma política de escrita feminista, neste texto desenvolvemos as conjugações preferencialmente no feminino, em uma nova obediência à escrita que busca dismantlar o sistema supostamente universal da linguagem, predominantemente masculino.

pesquisa dos temas, assim como fichamentos dos trabalhos de pesquisa e das publicações com as quais o projeto dialoga. As estudantes assumem o protagonismo das gravações, uma vez que participam diretamente da definição dos temas, da construção dos roteiros, dos ensaios, da revisão das edições, da transcrição na íntegra dos episódios em formato texto para leitura e da divulgação nas redes sociais. Também é importante localizar que, na equipe, a professora e as estudantes bolsistas têm proximidade corporal e familiar com a deficiência, pois todas somos familiares de pessoas com deficiência: filha, irmã e neta. Nessas relações, uma de nós ocupa o lugar de cuidadora e outra tem um histórico de deficiência no próprio corpo, além do interesse mútuo, compartilhado pelos estudos críticos da deficiência.

A extensão universitária no projeto é um caminho para o uso, a aprendizagem e a disseminação de novas tecnologias, como o podcast, com finalidade educativa e de divulgação científica dos trabalhos realizados na graduação e na pós-graduação por integrantes do grupo de pesquisa que dá o suporte ao projeto de extensão. Entendemos se tratar de uma tecnologia social, tal como Nádia Meinerz e Pamela Block (2023) também apostam, ao pensar os ativismos deficias – uma maneira de aleijar a deficiência, em contraposição aos saberes biomédicos e psicossociológicos, para compreendê-la de uma forma afirmativa, com a autodefinição das pessoas com deficiência e a resistência por meio de seus modos de vida. Entre tais ativismos, está o podcast Retratos Deficias, que foi uma referência para o presente projeto de extensão. Para a gravação dos episódios do podcast Giras Fabulosas, também são convidadas professoras da unidade

e/ou de outras universidades, além de profissionais que são entrevistadas.

Até o momento desta escrita, as Giras Fabulosas⁵ têm duas temporadas de podcasts gravadas – são quatro episódios de 2022 e cinco de 2023, disponibilizados de forma gratuita em plataformas de *streaming*, como Spotify e Google Podcasts. Na primeira temporada, os temas foram: 1) História do grupo de estudos GIRA e a constituição das Giras Fabulosas; 2) Apresentação da equipe integrante do projeto (estudantes da graduação em pedagogia, mestrando e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH), da UERJ; 3) A escrita na universidade; e 4) Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) em formato memorial. São basicamente assuntos de interesse da comunidade universitária, em diálogo com quem está fora desse espaço, mas com algum interesse na vida acadêmica, apresentados desde uma dimensão experiencial e a uma instância de reflexões.

Na segunda temporada, os temas foram desenvolvidos com a presença de convidadas, entrevistadas a partir de um roteiro semiestruturado previamente, com os seguintes temas e títulos: 1) “Mas essa criança não tem perfil de abrigo” – com a psicóloga Tatiana Oliveira Moreira; 2) Revoluções por fazer: raça, gênero, classe social e políticas afirmativas na universidade na periferia – conversa com a prof.^a Janaína Damaceno; 3) Trajetórias Cotistas: diálogos com as estudantes Amanda Barbosa e Esther Dornellas sobre políticas de ações afirmativas na FEBF; 4) Da sala de aula ao microfone: o podcast como prática educativa na educação básica - prof.^a Letícia Conceição; e 5) A história de Ayana –

⁵ Podcast Giras Fabulosas, disponível em: <https://open.spotify.com/show/5gOs9P4X4N66tC8RY6K2uh?si=3b36646c8e7947d9>. Acesso em 3 de julho de 2024.

albinismo e inclusão, com a psicóloga Tatiana Oliveira Moreira.

Na segunda temporada, ampliamos o diálogo por meio de reflexões e partilhas sustentadas em trabalhos acadêmicos, tendo a preocupação de comunicar de forma ampla e igualmente acessível. Começamos pela discussão a respeito de gênero, raça e pobreza interseccionados no atendimento a crianças, adolescentes e suas famílias no contexto da atuação psicossocial no judiciário, baseada em uma pesquisa de mestrado. Seguimos com as cotas raciais, a presença de estudantes negras/os e a presença/ausência de políticas afirmativas, em direção a revoluções desejadas na universidade; para isso, contando com as vozes de uma docente e duas discentes que são estudantes cotistas na unidade. Demos continuidade com o tópico “o uso de podcasts na escola básica” a partir da experiência de uma professora de língua portuguesa e literatura, finalizando com a apresentação de Tatiana Oliveira Moreira, mulher negra com albinismo e baixa visão, autora do livro infanto-juvenil que tem como protagonista uma menina com albinismo e baixa visão *A história de Ayana* (Moreira, 2021). Nesse episódio, o ativismo defixa esteve presente ao divulgar a produção literária e dialogar sobre as experiências da autora. Buscou romper com a invisibilidade do albinismo, mostrando intersecções entre raça e deficiência no Brasil e problematizando processos de escolarização vividos pela autora nos anos 1980, na escola básica, em que não havia a mobilização institucional de recursos inclusivos, em razão da desinformação sobre a baixa visão e da consequente ausência de reconhecimento das distintas necessidades de acesso às aulas e aos materiais de ensino. Diferentemente, contar a história de Ayana e de suas descobertas, vivendo com albinismo, é uma

forma de fazer conhecer para famílias, escolas e outras crianças esse modo de vida em sua diversidade e potencialidade.

2. APRENDENDO SOBRE ACESSIBILIDADE NO PROJETO DE EXTENSÃO

No projeto de extensão, realizamos uma formação mais específica e aprofundada para a construção dos podcasts. A contribuição teve a finalidade de apresentar a extensão universitária enquanto espaço que se volta a praticar os conhecimentos e a expandir o diálogo com a comunidade, em articulação com o ensino mais diretamente e contando com o apoio da pesquisa.

Desde o ensino desenvolvido nas primeiras disciplinas de psicologia e educação, com a introdução aos estudos críticos da deficiência, por meio de textos de autoras como Débora Diniz (2007) e Anahí Guedes de Mello (2019), entre outras, estudantes do curso de pedagogia já estavam mobilizadas por essas leituras. Participar do projeto envolvia, então, uma implicação com a inclusão educacional e com recursos de acessibilidade; em decorrência disso, a equipe foi em busca de mais referências.

Quando começamos a estudar os podcasts na extensão, antes mesmo de elaborar os roteiros e de partir para as gravações, passamos meses estudando as características dos podcasts no Brasil, conhecendo o que vinha sendo produzido e pensando as potencialidades de seu uso na educação. Tivemos o apoio de um servidor da unidade, Leandro Moreira, formado em matemática e física, entusiasta dos podcasts e das narrativas a serem contadas a partir daquele território, por quem vive no território, enquanto uma maneira de empoderamento de seus habitantes.

Percebemos que precisávamos também estudar referências que abordam a acessibilidade nos podcasts, entre elas encontramos o artigo “Podcast e acessibilidade: apontamentos teóricos e metodológicos” (2020), de Elton Pinheiro. Estudamos e discutimos o texto em algumas reuniões da equipe de extensão e, paralelamente, começamos a ouvir podcasts produzidos por pessoas com deficiência, pois era fundamental conhecer as narrativas e os temas abordados, bem como aprender com a expertise de quem vive a experiência diretamente e sendo mais afetada pela opressão capacitista. A esse respeito, o capacitismo constitui uma forma de hierarquização dos corpos, que “está relacionada ao corpo ideal, com base numa corponormatividade vigente que oprime e exclui todos os corpos que não se enquadram aos padrões estabelecidos. Na realidade, o corpo ideal é uma ilusão apenas para o capitalismo ditar quem produz mais, quem é mais capaz” (Luiz, 2020, p. 24).

Entendemos que existe, no Brasil, uma variedade de podcasts produzidos por pessoas com deficiência e que esse universo é uma fonte privilegiada de produção e divulgação de conhecimentos, para além de livros e artigos. Chegamos aos podcasts: *Introvertendo*⁶, *Retratos Defiças*⁷ e *Portal Catarinas – Cuidar do Futuro*⁸.

A cada reunião, alguém da equipe contava como havia sido sua experiência com os podcasts experienciados. Aos poucos, as trocas foram crescendo e praticamos uma das primeiras estratégias que o projeto passou a in-

corporar: a audiodescrição, começando por si mesma, para oferecer elementos visuais de cada pessoa, o que incluía o pertencimento racial, a idade, altura, corporalidade, vestimenta, traços marcantes e algo das preferências, abrindo espaço de contar quem éramos.

Esse estudo repercutiu na aprendizagem nas aulas de uma disciplina obrigatória, que seria oferecida no semestre seguinte no currículo da graduação em pedagogia, ministrada pela coordenadora do projeto de extensão. O estudo da acessibilidade foi convertido em uma marca na realização do projeto de extensão desde o início e influenciou também as aulas da disciplina de Psicologia do Ensino e da Aprendizagem, como vamos relatar a seguir.

3. ESTUDANDO COM PODCASTS: ACESSIBILIDADE DO PROJETO DE EXTENSÃO À SALA DE AULA

Para a turma da disciplina obrigatória de Psicologia do Ensino e da Aprendizagem, oferecida ao 4º período da graduação em pedagogia, uma das avaliações finais do semestre consistia em elaborar um podcast, em grupo, e em adotar pelo menos uma estratégia de acessibilidade. Essa tarefa se mostrou importante para o estudo e para o desenvolvimento de práticas de educação inclusiva. Algumas estudantes (nessa turma eram todas mulheres), ao apresentarem o que estudaram, utilizaram a Libras (Língua Brasileira de Sinais) e a audiodescrição, aquela seria mais uma estratégia de acessibilidade se o podcast tivesse também vídeo em simultaneidade

em 3 de julho de 2024.

⁶ Podcast *Retratos Defiças*, disponível em: <https://www.retratosdeficacas.com/podcast>. Acesso em 3 de julho de 2024.

⁸ Podcast do Portal Catarinas - Cuidar do Futuro, disponível em: <https://catarininas.info/tag/cuidar-do-futuro/>. Acesso em 3 de julho de 2024.

⁶ Há uma diferença de nomeação do *Introvertendo* no Spotify e no blog do projeto. No Spotify: “Introvertendo - Autismo por Autistas”, disponível em: <https://open.spotify.com/show/2uxjsIM6Kfvp33iFRDZoCm?si=86ccfa7653384f22>. Acesso em 3 de julho de 2024. Já no site do projeto: “INTROVERTENDO um podcast onde autistas conversam”, disponível em: <https://www.introvertendo.com.br/>. Acesso

com a narrativa sonora, como nos *videocasts*. As estudantes estavam cursando a disciplina de Libras naquele mesmo semestre e puderam articular as aprendizagens em diferentes disciplinas. Elas contaram suas experiências na sala de aula com estudantes em situação de inclusão e como as estratégias de acessibilidade poderiam transformar as abordagens, positivando a interação com estudantes com deficiência.

Essa construção, elaborada nos grupos, com o apoio da professora e da monitora da disciplina, contribuiu para o entendimento da educação inclusiva como um espaço de respeito às diferenças e com ferramentas de acessibilidade pensadas antes, a partir da possibilidade de que todos os corpos e mentes tenham acesso à educação, potencializando metodologias e incluindo verdadeiramente estudantes com deficiência. A experiência da autodescrição foi importante, também, para entendermos a importância de marcadores sociais na construção identitária de cada estudante e das futuras professoras, que priorizaram suas descrições em termos de pertencimento de raça, territorialidade, idade, gênero, deficiência e outras subjetividades importantes para o entendimento de seus corpos e relacionalidades.

Com estudantes da disciplina e, ao mesmo tempo, com as bolsistas do projeto de extensão, que, naquele momento, também eram alunas da disciplina, entendemos que adotar os recursos de acessibilidade nos podcasts se opõe às estruturas sociais de exclusão. As estruturas excludentes compreendem a deficiência como falta e desvio, como uma incapacidade de um indivíduo em atender as normas sociais. Diferentemente disso, a deficiência pode ser entendida como um marcador social (Schewe, 2020; Gesser; Block;

Mello, 2020), como um modo de vida (Diniz, 2007) e como uma referência para pensar e atuar tanto do ponto de vista estético, quanto ético na relação da ciência com o ativismo, bem como na interface entre a interação e a ação comunicativa, como propõem Meinerz e Block (2023).

A audiodescrição das participantes foi um dos primeiros recursos de acessibilidade estudados. Para tanto, ouvimos o episódio “Desmistificando a audiodescrição”, do podcast Retratos Defiças (mencionado anteriormente), no qual Deise Medina e Felipe Monteiro, consultores em audiodescrição, são entrevistados. Para o pesquisador cego Felipe Monteiro (2022, p. 61), a audiodescrição é “um recurso de acessibilidade comunicacional que está inserido no escopo da tradução, permitindo a conversão de imagens em palavras. Trata-se de uma tradução intersemiótica entre os signos visual e verbal”. Nesse sentido, além de concordar, a partir de uma perspectiva feminista, acrescentamos que toda tradução é também uma transformação (Lima; Alvarez, 2013).

Para elaborarmos a audiodescrição nos ativemos ao que é importante dizer sobre nós, que é externalizado por nossos corpos e lido socialmente. Começamos com nossos nomes e nossas idades, depois partimos para outros aspectos sociais que nos situam enquanto indivíduos na sociedade, como raça, territorialidade, sexualidade e identidade de gênero. Essa foi também uma oportunidade de abordarmos a diversidade de identidades de gênero e contribuir para desnaturalizar a cisgeneridade compulsória. A cisgeneridade parte do pressuposto que, ao se nomear a categoria mulher, haveria necessariamente um reforço de uma naturalizada continuidade entre o que se convencionou preencher nos formulários normativos e identificar como "sexo bio-

lógico", com a divisão binária entre homens (considerados representantes do masculino) e mulheres (consideradas representantes do feminino) e a suposição de uma permanência que precisaria ser reiterada o tempo todo, como problematizou Viviane Vergueiro (2015). Diferentemente disso, mulher é uma categoria política, tal como é a deficiência e, enquanto tal, pode incluir diversas maneiras de se expressar, sendo a cisgeneridade apenas uma delas, havendo também a transgeneridade, a não binariedade, além de modos de ser que podem estar ainda não nomeados. As audiodescrições buscaram estar atentas a essa multiplicidade.

Os podcasts dos grupos das mais de 40 estudantes da turma foram pensados em termos de acessibilidade desde a concepção dos episódios. Na realidade, começamos a estudar como ampliar o acesso antes mesmo de definir os temas que seriam abordados a partir do que foi trabalhado na disciplina naquele semestre. Os assuntos escolhidos pelos grupos da turma foram influenciados pelo estudo da acessibilidade. Os podcasts dos grupos da disciplina⁹ tiveram como temas e títulos: "O que aprendemos sobre inclusão", "O afastamento do corpo nas práticas pedagógicas", "Descolonizando o conhecimento", "Ensinando a transgredir" e "A arte como instrumento decolonial".

4. OS RECURSOS DE ACESSIBILIDADE REALIZADOS PELA EQUIPE NO PROJETO DE EXTENSÃO

A partir dessa experiência no ensino e na aprendizagem na disciplina, assim como na audiodescrição, outras estratégias de acessibilidade foram incorporadas também ao pro-

jeto de extensão, pois, logo em seguida, começamos efetivamente a gravar os episódios da primeira temporada, de 2022. Entre os recursos de acessibilidade, estão a descrição das imagens montadas para divulgação do projeto nas redes sociais, a legendagem dos vídeos postados nas redes sociais do projeto e a transcrição na íntegra dos episódios gravados.

O projeto de extensão busca romper com as normas estabelecidas, adotando uma postura anticapacitista em todas as produções, inclusive nas redes sociais. Reconhecemos que as plataformas digitais são espaços onde os estímulos visual e sonoro são predominantes, por isso nos dedicamos a tornar os conteúdos do projeto acessíveis a todas as pessoas, especialmente àquelas que utilizam tecnologias assistivas, como leitores de tela, entre outras.

Acreditamos fortemente na necessidade de prover acessos como um direito e uma nova cultura, para garantir que todas as pessoas tenham acesso às informações das postagens nas nossas redes sociais. Para isso, além de compartilhar episódios, produções e pesquisas, também nos empenhamos em fornecer descrições das imagens que publicamos, tornando-as acessíveis para o maior número de pessoas, com o objetivo que chegue a todas, inclusive as que terão o acesso mediado pelos recursos de tecnologia assistiva.

Para a descrição de imagens, tomamos como referências as descrições das belas imagens presentes no Guia Mulheres com Deficiência: garantia de direitos para exercício da cidadania (Constantino, 2020), do Coletivo Feminista de Mulheres com Deficiência Helen Keller. Para as redes sociais, ao finalizarmos a edição do que estamos prestes a postar,

⁹ Podcast Monitoria - Educação, Linguagem e Conhecimento, disponível em: <https://open.spotify.com/show/1PtfCp0yBTmOUIBeFtLVEG>. Acesso em 3 de julho de 2024.

dedicamo-nos a escrever, em conjunto, uma breve e objetiva descrição que transmita as principais informações contidas na imagem. Porém, vale lembrar que nem sempre foi dessa maneira, fomos aprendendo a realizar esse recurso acessível ao praticar a escrita.

No início, nossas descrições eram excessivamente detalhadas e fomos percebendo que daquela maneira dificultava a compreensão, porque o excesso de informações também atrapalha a comunicação. Realizar esse movimento de rever e de buscar formas de melhorar o trabalho é importante para o nosso próprio desenvolvimento e para a formação no campo da educação. Atualmente, nossas descrições são mais concisas e objetivas, focando nos principais elementos presentes na imagem original, contendo informações-chave necessárias para que a imagem seja compreendida. A transformação no nosso fazer reflete o compromisso que temos de tornar os conteúdos, desde a concepção, mais acessíveis e inclusivos. A descrição aparece tanto no corpo da legenda das imagens, quanto no campo de texto alternativo, com acessibilidade para quem não enxerga e buscando tornar mais habitual a leitura de imagens por todas as pessoas.

Junto ao recurso da descrição de imagem, está atrelado o uso de *hashtags* como ferramentas de acessibilidade. Ao adicioná-las no final de cada postagem, buscamos ampliar o alcance dos conteúdos e nos conectar às múltiplas pessoas que se engajam nas temáticas que pesquisamos e divulgamos. Observamos as postagens e o uso de *hashtags* de outros podcasts, como os citados anteriormente, e criamos um modo de desenvolver sempre marcando o local onde estamos: #FEBF, #UERJ, #BaixadaFluminense, também #Acessibilidade, #Podcasts e #ExtensãoUni-

versitária, incluindo ainda o(s) tema(s) presentes a cada episódio, por exemplo: #Cotas, #Albinismo, #BaixaVisão, #Inclusão. Assim, quando alguém quiser saber a respeito de um conteúdo da extensão universitária acessível e/ou buscar por podcasts com acessibilidade, encontrará a postagem que fizemos.

Para a transcrição dos episódios, as bolsistas integrantes do projeto se dividiram e se encarregaram de transcrevê-los, pois o volume sonoro era significativo, em torno de uma hora ou um pouco mais de duração para cada episódio. Utilizamos como referência ouvir e ler outros podcasts que adotaram a mesma estratégia, como o podcast Mamilos e o Introverso (mencionado anteriormente). Entendemos que transcrever um episódio não é somente converter um texto oral para escrito, é também nos responsabilizarmos por atribuir sentido a uma linguagem falada para que ela seja traduzida/transformada para a escrita, ainda que não tenhamos um modelo.

Esse é um processo que exige atenção aos detalhes e compreensão do conteúdo tratado nos episódios. Destaca-se a importância de pensar nos métodos de acessibilidade desde a elaboração dos roteiros, uma vez que esses são usados como suporte no processo de transcrição, referências importantes para captar os pontos centrais dos assuntos tratados naqueles mesmos episódios. Para Elton Ribeiro (2020, p. 54), a transcrição:

deve levar em consideração a sua função em comunicar algo que, apesar de ter sido pensado para a reprodução em áudio pode, por meio de um sistema sógnico, também ser usado para tal desde a concepção do roteiro, expressar suas intenções quanto ao que deseja evocar no processo acessível de percepção sonora e imaginativo-visual do público.

Tanto por meio da descrição quanto da transcrição, fomentar uma percepção ima-

ginativo-visual em quem lê foi uma importante compreensão para a equipe do projeto. Quando a ampliação da percepção faz sentido para quem está realizando, torna-se possível imaginar como alcançar esse efeito por meio da escrita para que chegue assim a quem lê. A ideia é, também, não sobredeterminar, deixando espaço para que a audiência sonora e/ou leitora possa atribuir seus sentidos ao material que recebe.

Assim como nos empenhamos em aprimorar a descrição de imagens, também temos dedicado esforços para melhorar as transcrições, visando torná-las mais compreensíveis. Reconhecemos que há diferenças significativas entre a linguagem oral e escrita. Nem sempre o que é dito pode ser transcrito diretamente para o texto de forma entendível. Por exemplo, na fala, é comum iniciarmos um raciocínio, fazer desvios e retornar a ele posteriormente, o que pode tornar a transcrição confusa. Compreender esses processos durante a transcrição é fundamental para facilitar a compreensão do conteúdo.

Na primeira temporada, começamos com uma abordagem mais literal na transcrição, o que aumentava significativamente a carga do trabalho de revisão e alterações. No entanto, ao realizar as novas transcrições da segunda temporada, percebemos a importância de revisitar e aprimorar continuamente nossas práticas. Em vez de uma transcrição literal com todas as marcas da oralidade, temos experimentado fazer transcrições voltadas a tornar o conteúdo compatível com a linguagem escrita, o que também tem diminuído o volume de escrita referente a episódios que tiveram maior duração na segunda temporada. A transcrição vai se tornando texto para leitura. Assim, tornou-se um exercício frequente em nosso projeto realizar revisões colaborativas de nossas

produções. É nesse processo que muitas vezes identificamos áreas onde podemos melhorar e ajustar nossos modos de fazer, com novas aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos compromettimentos do projeto de extensão é a divulgação científica do que é tratado na universidade para além dela. Isso significa que acessibilizar os diálogos do projeto é uma forma de promover o alcance mais amplo dessa produção. Para isso, seguimos aprimorando a descrição das imagens e a descrição das participantes. Começamos a participar do grupo de estudos em acessibilidade cultural do Laboratório de Acessibilidade Cultural (LAC), da UERJ, criando laços de uma parceria por meio da qual poderemos contar com a valiosa atuação de pessoas com deficiência visual na consultoria das descrições.

A transcrição é, também, uma ferramenta tecnológica de acessibilidade, construída com conexões de sentidos e com revisões humanas em um ativismo da produção de conhecimento com a deficiência em perspectivas politizadas; por isso, é uma tecnologia social. Essas conexões e articulações permitem a entrada de pessoas com baixa audição, com deficiência auditiva ou ensurdecidas, autistas, idosas, com deficiência intelectual e outras pessoas que necessitam e/ou se beneficiam do recurso, visual e escrito, para acessarem os podcasts realizados.

Estamos de acordo com a afirmativa de Aruda, Sodré e Cardoso Filho (2021, p. 566), para quem: "A tecnologia demonstra sua utilidade no campo educativo não apenas pelo dinamismo de seus aspectos técnicos, mas pela forma de abordagem educacional como processo entre sujeitos. Importa pri-

vilegiar o elemento humano sobre o aspecto técnico". Nesse sentido, a interação com pessoas com deficiência e com os materiais por elas produzidos, a exemplo dos podcasts produzidos por pessoas com deficiência aqui citados, bem como o Guia do Coletivo Feminista de Mulheres com Deficiência Helen Keller (2020), são as referências principais do projeto. É a partir da experiência das pessoas com deficiência e na relação com elas que aprendemos.

Aprendemos também no exercício e na abertura à experimentação, no meio das práticas, como aconteceu quando recebemos nossa convidada mulher negra com albinismo e baixa visão para duas gravações na universidade. Na relação e na interação, ela nos si-

nalizou a necessidade do aumento das letras na impressão em papel que continha o roteiro semiestruturado que seria a base para a conversa no podcast, também insistiu para ultrapassarmos as barreiras tecnológicas e ampliarmos as plataformas gratuitas em que os podcasts do projeto são disseminados.

Esperamos que a narrativa aqui apresentada como relato de experiência possa ser mais uma forma de divulgar o fazer que acontece dentro da universidade implicado também com o fora dela. A extensão universitária tem sido um caminho de encontros com a divulgação do conhecimento, com a aprendizagem que vem dos ativismos, com a positividade da deficiência e da acessibilidade na formação docente.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Rogério P., SODRÉ, Elaine L. V., & CARDOSO FILHO, Advaldo A. O projeto de extensão "vozes da história" se reinventa com o podcast "vozes na pandemia". **Expressa Extensão**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 559-573, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/19641>. Acesso em 3 de julho de 2024.

CONSTANTINO, Carolini *et al.* (Orgs.). **Guia Mulheres com deficiência**: garantia de direitos para exercício da cidadania. Coletivo Feminista Hellen Keller: Brasil, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1sS_5cg5sL0ONs2qtDlk4v8sNgCcUprg7/view. Acesso em 3 de julho de 2024.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

GESSER, Marivete; BLOCK, Pamela; MELLO, Anahi G. Estudos da deficiência: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. In: **Estudos da deficiência**: anticapacitismo e emancipação social. Curitiba: CRV, 2020, p. 17-35.

LIMA, Claudia C.; ALVAREZ, Sonia. A circulação das

teorias feministas e os desafios da tradução. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, Edição Especial 20 anos, v. 21, n. 2, agosto de 2013.

LUIZ, Karla G. Deficiência pela perspectiva dos direitos humanos. In: CONSTANTINO, Carolini *et al.* (Orgs.). **Guia Mulheres com deficiência**: garantia de direitos para exercício da cidadania. Coletivo Feminista Hellen Keller: Brasil, 2020, p. 18-27. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1sS_5cg5sL0ONs2qtDlk4v8sNgCcUprg7/view. Acesso em 3 de julho de 2024.

MEINERZ, Nádia; BLOCK, Pamela. Retratos defixas: arte e ativismo deficiente. **Revista Mundaú**, [S.l.], n. 13, p. 12-25, 2023. Disponível em: <https://seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/16244>. Acesso em 3 de julho de 2024.

MELLO, Anahi G. Politizar a deficiência, aleijar o queer: algumas notas sobre a produção da hashtag #ÉCapacitismoQuando no Facebook. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas. (Orgs.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019, v. 1, p. 125-142.

MONTEIRO, Felipe. **Audiodescrição como recurso pedagógico para o desenvolvimento da musicalização inclusiva em ambientes formais e informais de ensino.** 2022. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

MOREIRA, Tatiana O. **A História de Ayana.** Rio de Janeiro: Telha, 2021.

PINHEIRO, Elton Bruno Barbosa. Podcast e Acessibilidade: apontamentos teóricos e metodológicos. **Geminis**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 45-66, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/570>. Acesso em 3 de julho de 2024.

SCHEWE, Lelia. "As deusas nos protejam dessas novas cruzadas": Anahí Guedes de Mello, anticapacitismo feminista desde elSur global. **Nómadas**, [S. l.], n. 52, p. 215-226, 2020.

VERGUEIRO, Viviane. **Por Inflexões Decoloniais de Corpos e Identidades de Gênero Inconformes: Uma Análise Autoetnográfica da Cisgeneridade como Normatividade.** 2015. 244f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>. Acesso em 3 de julho de 2024.

Recebido em: 16.04.2024

Revisado em: 17.06.2024

Aprovado em: 03.07.2024